

Percursos Pedestres. Conceitos, valores e oportunidades

Sérgio Diogo Caetano, Eva Almeida Lima & Teófilo Soares Braga

Amigos dos Açores – Associação Ecológica, Avenida da Paz nº14 Pico da Pedra, 9600 – 053 Pico da Pedra, Açores | amigosdosazores@gmail.com | www.amigosdosazores.pt/pt

O QUE É O PEDESTRIANISMO?

É muito antiga a prática de passeios pedestres. Contudo, como actividade organizada, surge em Inglaterra no século XVIII. Segundo Avelar (2002) o pedestrianismo é “o desporto dos que andam a pé” e “deve ser entendido, quando se realiza ao longo de percursos balizados”. Na legislação portuguesa o pedestrianismo é a “actividade de percorrer distâncias a pé, na natureza, em que intervêm aspectos turísticos, culturais e ambientais, desenvolvendo-se normalmente por caminhos bem definidos, sinalizados com marcas e códigos internacionalmente aceites” (Portaria n.º 1465/2004, de 17 de Dezembro).

O PEDESTRIANISMO - ACTIVIDADE DESPORTIVA

O pedestrianismo é uma das modalidades dos denominados *Desportos de Natureza*, que são “todos aqueles cuja prática aproxima o homem da natureza de uma forma saudável e sejam enquadráveis na gestão das áreas protegidas, numa política de desenvolvimento sustentável”.

(Fraga, 2005).

O PEDESTRIANISMO - ACTIVIDADE TURÍSTICA E CULTURAL

O pedestrianismo é uma prática em que o participante pode desfrutar do meio que o rodeia, pois os trilhos aproximam os visitantes das paisagens, da história e da cultura e, sobretudo, dos habitantes das zonas rurais. A actividade promove o desenvolvimento socio-económico local, contribuindo para evitar a desertificação humana e rentabilizando a oferta da hotelaria, alojamento rural, turismo de habitação, restauração, artesanato, etc.

O PEDESTRIANISMO – ACTIVIDADE DE NATUREZA

Para o pedestrianista o percurso é um meio para melhorar o seu conhecimento do ambiente, através da observação da beleza das paisagens, da diversidade da flora e da fauna e das formações geológicas, promovendo o respeito e a conservação do ambiente.

O pedestrianista pode, também, assumir um papel activo na sociedade, em prol do ambiente, constituindo o conjunto de trilhos uma rede de monitorização ambiental



CARACTERÍSTICAS DOS PERCURSOS PEDESTRES

Para além do interesse patrimonial e turístico dos percursos, na sua **escolha** deverão ser evitadas estradas asfaltadas ou vias utilizadas por veículos motorizados. A passagem por localidades, pelo contrário, deverá ser incentivada não só por permitir o contacto com as pessoas e com património construído mas também por potenciar o comércio local.

Os percursos podem ser **classificados** tendo em conta a sua função, a sua forma, o seu grau de dificuldade, os recursos usados na interpretação ambiental e a sua extensão. Em termos gerais, a generalidade dos percursos pedestres está associada a **funções** recreativas e educativas.

São diversas as **formas** dos trilhos: linear, circular, oito, em anéis contíguos, em anéis satélites e em labirinto (Braga, 2007).

O **grau de dificuldade** de um percurso varia de pessoa para pessoa, em função da sua condição física. Contudo, factores como a extensão, tipo de terreno, desnível e climatologia (o frio ou o calor excessivos não facilitam as caminhadas) devem ser considerados ao estabelecer o grau de dificuldade de um percurso (Jumping, 1997).

Existem diversas classificações quanto à **extensão** dos percursos. Os percursos de Grande Rota são os mais longos; os percursos de Pequena Rota têm trajectos mais curtos, de uma só jornada e com o máximo de 30 km de extensão; os Percursos Locais não ultrapassam 10 km de extensão; por último, os Percursos Urbanos são aqueles que percorrem espaços citadinos.

Na **sinalização** usada em Portugal são três as marcas utilizadas: caminho certo, caminho errado e mudança de direcção à esquerda e à direita. As marcas deverão ser colocadas em suportes devidamente escolhidos, de preferência em locais onde se vejam muito bem, com leitura nos dois sentidos.

SINALIZAÇÃO PORTUGUESA

			
Caminho Certo	Virar à esquerda	Virar à direita	Caminho Errado
Marcas usadas nas Pequenas Rotas. Nas Grandes Rotas, a cor amarela é substituída pela branca			

Em Portugal é usado, também, um conjunto de **informação** acessória que ajuda o pedestrianista a ter um maior nível de informação sobre a área visitada.

INFORMAÇÃO ACESSÓRIA

			
Painéis informativos	Placas indicativas	Placas informativas	Sinalética complementar

Bibliografia

- ANDRADE, W., (2006), Manejo de trilhas, www.femesp.org.
- AVELAR, L., (2002), Dicionário de Montanha e Escalada, http://luis-avelar.planetaclix.pt/dicionario/dicio_p.htm.
- BRAGA, T. (2007), Percursos Pedestres e Pedestrianismo. Ribeira Grande. Amigos dos Açores.
- CONSTÂNCIA, J., BRAGA, T., COSME, L., ANJOS, R., NUNES, J., (2004), Percursos Pedestres em S. Miguel-Açores, Ribeira Grande. Amigos dos Açores.
- FPC- FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE CAMPISMO, (2001), Percursos Pedestres - Normas para a Implantação e Marcação, Lisboa, Centro de Estudos e Formação Desportiva.
- FCMP- FEDERAÇÃO DE CAMPISMO E MONTANHISMO DE PORTUGAL, (2006), Regulamento de Homologação de Percursos Pedestres, (políc.)
- FRAGA, A., (2005), Manual para o investidor em Turismo de Natureza, Bensafrim, Vicentina- Associação para o Desenvolvimento do Sudoeste.
- JUMPING, B., (1997), Trekking Canyoning, Tema e Debates.
- MAGRO, T., (1999), Impactes do uso Público em Uma Trilha no Planalto do Parque Nacional do Itatiaia, São Carlos (Tese de Doutoramento).
- SALVATI, S., (2006), Trilhas - Conceitos, Técnicas de Implantação e Impactes, <http://ecosfera.sites.uol.com.br/trilhas.htm>.

PERCURSOS PEDESTRES GUIADOS COMO OPORTUNIDADE TURÍSTICA

De acordo com Salvati (2006), os percursos podem ser **guiados ou autoguiados**. No primeiro caso, o guia é o garante do sucesso do trilha, dependendo da sua condição física e técnica, dos conhecimentos da área visitada e da estratégia de abordagem utilizada, adaptada a cada grupo. O guia deverá possuir conhecimentos pedagógicos para transmitir, com facilidade, os conhecimentos aos visitantes, cativando-os para o usufruto do local visitado.

POSTURA DO GUIA (ADAPTADO DE SALVATI, 2006)

- Conhecer a área e a região envolvente;
- Conhecer o visitante e adaptar-se ao seu perfil;
- Ser animado, criativo e gentil;
- Transmitir segurança;
- Tratar todos com igualdade;
- Manter boas relações interpessoais.

O guia de percursos pedestres deve proporcionar segurança, assegurar que os diversos participantes possuam as mesmas motivações, capacidades físicas semelhantes e uma experiência base que permita vencer os esforços necessários.

O número de participantes deverá ser até 15 a 18 pessoas nos percursos de menor altitude, devendo ser reduzido para caminhadas de maior grau de dificuldade.

Durante a marcha o guia deverá na frente regular a velocidade de andamento, nunca perdendo de vista o total dos participantes.

No plano psicológico, o guia deverá estimular a solidariedade e motivar o grupo não só para os problemas técnicos, mas também para questões ambientais.

No caso dos percursos autoguiados, os elementos que indicam a direcção a seguir deverão ser apresentados aos visitantes através de recursos visuais e gráficos dispostos ao longo do percurso.



ÉTICA E CONDUTA

Para a realização de passeios pedestres, existem regras que deverão ser seguidas pelos pedestrianistas. A Federação de Campismo e Montanhismo de Portugal definiu, em 2001, um quadro de normas de Ética e Conduta.

ÉTICA E CONDUTA EM PERCURSOS PEDESTRES (ADAPTADO DE FCP, 2001)

- Seguir somente pelos trilhos sinalizados;
- Ter cuidado com o gado;
- Evitar barulhos e atitudes que perturbem a paz do local;
- Observar a fauna à distância, preferencialmente com binóculos;
- Não danificar a flora;
- Não abandonar o lixo, levando-o até um local onde haja serviço de recolha;
- Fechar cancelas e portelos;
- Respeitar a propriedade privada;
- Ter cuidado com o lume;
- Não colher amostras de plantas ou rochas;
- Ser afável com os habitantes locais, estabelecendo uma postura de diálogo.